

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE PEDAGOGIA

ANA PAULA ARAUJO COSTA

EXPERIÊNCIAS TRAUMATIZANTES
NO AMBIENTE ESCOLAR

Rio de Janeiro
Janeiro / 2005

ANA PAULA ARAUJO COSTA

**EXPERIÊNCIAS TRAUMATIZANTES
NO AMBIENTE ESCOLAR**

Trabalho Monográfico apresentado a Escola
de Educação da UNIRIO para conclusão do
curso de Graduação de Pedagogia

Sandra Albernaz de Medeiros
Orientadora

Rio de Janeiro
Janeiro / 2005

*“Tu te tornas eternamente
responsável por aquilo que
cativas”.*

(Saint-Exupery. O Pequeno Príncipe)

Aos meus pais, João e Roberta
e irmã Ana Alice

Agradecimentos:

Agradeço `a Deus, por ter me dado forças para perseverar na realização desta monografia e ter me ajudado em minhas conquistas ate aqui.

Agradeço a meus Pais, João S. e Roberta A. meus anjos, por me darem carinho e amor e se dedicarem a minha vida por todos esses anos.

A minha Irmã Ana Alice por ser minha amiga e companheira, por me apoiar e participar de todos os momentos de aflição e de alegria, colorindo a minha vida.

Aos meus Amigos que de alguma forma se mobilizaram para me ajudar na conclusão deste trabalho. Em especial `a Vanessa R. e Renan R.

A todas pessoas que contribuíram com suas declarações ou responderam os questionários.

Agradeço a minha grande orientadora Sandra Albernaz, por sua atenção, interesse paciência , sem a ajuda , não seria possível a realização deste trabalho.

Obrigado!

SUMÁRIO

Introdução	7
Capítulo I - Metodologia.....	9
Capítulo II – A Escola nos dias de Hoje.....	10
Capítulo III – O que é Trauma?.....	13
3.1 – O Aparelho Psíquico e a Formação do Trauma.....	15
Capítulo IV – Experiências Traumatizantes nas Escolas.....	19
Capítulo V – Desenvolvimento Sócio-Afetivo nos Anos Iniciais	23
5.1 – Desenvolvimento da Personalidade	25
5.2 – Construção da Auto-Estima e do Auto-Conceito.....	26
Capítulo VI – Traumas – Reflexos na Vida Escolar e Pessoal	29
6.1 – Educação sem Traumas	31
Capítulo VII – Análise dos Questionários.....	33
Conclusão	35
Bibliografia.....	37
Anexos.....	38

Introdução:

Os professores, principalmente aqueles que trabalham com as séries iniciais, tem uma imensa contribuição quanto à formação da personalidade e a construção da auto-estima dos seus alunos.

Os alunos das séries iniciais, ainda em desenvolvimento, assimilam o comportamento, e as atitudes das pessoas que estão em contato. Depois dos pais, a figura do professor é de imensurável importância, exerce um fascínio sobre os alunos, tornando-se um modelo a ser seguido.

Muitos professores têm ciência, da sua responsabilidade, de mediador entre a criança e o mundo dos adultos, e da formação psicológica destes pequeninos; porém na prática, por razões desconhecidas, alguns esquecem do seu papel frente ao aluno.

Estagiei durante um ano em uma escola particular, na Zona Oeste do município do Rio de Janeiro, onde tive a oportunidade de desenvolver minha aptidão como professora, e ter um contato mais próximo com as reais necessidades do educando e o ambiente escolar.

Neste tempo, em que acompanhei e participei do trabalho feito na escola, pude presenciar diversos casos em que os alunos eram repreendidos com tanta severidade por seus professores que me causou enorme preocupação.

Comecei a questionar-me sobre a postura destes profissionais e, de que forma estas constantes atitudes agressivas dos professores, poderiam influenciar no comportamento, na vida emocional dentro e fora da escola e no rendimento escolar, desses alunos.

Freud em seus estudos psicanalíticos se preocupou com o perigo da educação repressiva e autoritária, sobre o ego imaturo da criança, podendo acarretar na formação de traumas infantis.

“Uma simples reflexão nos diz que até agora a educação cumpriu mal sua tarefa e causou às crianças grandes prejuízos. Se ela descobrir o ponto ótimo e executar suas tarefas de maneira ideal, ela pode esperar eliminar um dos fatores da etiologia do adoecer - a influência dos traumas acidentais da infância.” (Freud, v.12)

Muitos são os casos de professores que “sutilmente”, agridem seus alunos, fazendo com que se sintam incapazes de expor, e manifestar suas idéias, vontades e de se enquadrar no mundo; tornando a educação angustiante.

A minha inquietação é a de descobrir até que ponto atitudes impensadas de professores podem gerar traumas em seus alunos? Se experiências traumatizantes dentro da escola, são refletidas na vida pessoal destes alunos, como se sentem expostos a estas situações e de que forma esses traumas são superados?

Com estas questões busco assinalar, como o professor deve proceder, afim de que não cause transtorno psicológico em seus alunos e que os conduza para uma vida emocional mais feliz e equilibrada.

I - Metodologia

Este trabalho monográfico desenvolveu-se a partir da observação, em salas - de - aula, das relações estabelecidas entre professores e alunos e do comportamento destes sujeitos no ambiente escolar.

Para o embasamento teórico desta pesquisa, buscarei através da Psicologia, compreender o desenvolvimento e a psique humana, destacando as teorias psicanalíticas de Sigmund Freud, voltados para o estudo de traumas e seus reflexos no comportamento do indivíduo.

Com a finalidade de investigar *como* e *quais* situações vivenciadas pelos indivíduos em ambiente escolar se tornam experiências que geram traumas, construí um questionário com cinco perguntas e oito itens de identificação - nível de escolaridade, curso, período, instituição, profissão, idade, sexo, escola e bairro onde foi cursada a Pré - Escola e o Ensino Fundamental.

Em um primeiro momento, pensei em aplicar o questionário para estudantes de qualquer curso e período da área de humanas. Depois resolvi delimitar a pesquisa, a alunos do curso de Pedagogia da UNIRIO, e que estivessem cursando o 6º período em diante, por já terem mais tempo de vivência acadêmica e conhecerem a importância da psicologia aplicada a Educação.

Foram recolhidos 25 questionários, nos quais foram respondidas as seguintes perguntas:

- O que você entende por Trauma?
- Durante seu período escolar, você sofreu algum tipo de trauma? (Descreva o acontecimento)
- Esse fato de alguma forma refletiu em sua vida infantil ou adulta?
- Hoje em dia, você conseguiu superar este trauma; ou não? De que forma?

Respostas estas que me revelaram dados importantes na construção desta pesquisa.

Com o desenvolvimento deste trabalho, objetivo oferecer subsídios para os professores da Educação Infantil e do Ensino Fundamental para repensarem as suas práticas e atitudes em sala - de - aula.

II – A Escola nos dias de Hoje

Atualmente, com o avanço da era da informatização, é exigido pela sociedade cada vez mais esforço, produção e conhecimento por parte dos profissionais, inclusive do professor que se vê forçado a acompanhar a nova dinâmica do mundo e o desenvolvimento intelectual de seus alunos.

Muitas mudanças também ocorreram no âmbito da Educação brasileira, várias correntes filosóficas e do pensamento educacional brasileiro trouxeram inovações para dentro das escolas.

Porém na prática, percebi vários indícios de que tais mudanças ocorreram apenas superficialmente. Muitas escolas ainda insistem em tolher a criatividade do educando, frustrando seus desejos de alçar vãos e aprisionando inteligências, dificultando que estes alunos se tornem indivíduos pensantes.

→ Houve ~~apenas~~ apenas substituições de técnicas e didáticas, por outras de estratégias diferentes. O currículo e as relações escolares são os mesmos há décadas, o que torna todos esses “acessórios” ineficazes. Se exige que alunos dos nossos dias aprendam, da mesma maneira, os mesmos conteúdos que aprendiam os alunos dos “séculos” anteriores.

Mannoni, em *Educação Impossível* (1998), denuncia a possibilidade da escola ser uma fábrica de neuroses, por usar métodos de coerção e uma educação autoritária; abafando o desejo criativo do aluno, impedindo-o de aprender.

“A escola, depois da família, passou a ser hoje o lugar preferido para a fabricação de neuroses - que em seguida se ‘trata’ nas escolas paralelas, chamadas hospitais do dia. A adaptação escolar é atualmente, salvo raríssimas exceções, cumpre que se diga, um importante sintoma de neurose. (p.37)”

Foucault em *Vigiar e Punir*, no capítulo *Os Corpos Dóceis*, analisa a sociedade do século XVIII, e discute a descoberta do corpo, como objeto e alvo de poder. “Do corpo que se manipula, se modela, se treina, que obedece, responde, se torna hábil ou cujas forças se multiplicam”. (p.5)

Nesta época, métodos de coerção foram impostos nas fábricas, nos hospitais, nas organizações militares e inclusive nos colégios. O internato surgiu com o regime de educação mais perfeito, era preciso instaurar e vigiar comportamentos, preparar e controlar os indivíduos para obedecerem a ordem e melhor utilizarem a força. Nossas instituições, são frutos desta sociedade do século XVIII

“A modalidade enfim: implica numa coerção ininterrupta, constante que vela sobre os processos da atividade mais que sobre seu resultado e se exerce de acordo com uma codificação que esquadrinha ao máximo o tempo, o espaço, os movimentos. Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são os que podemos chamar as ‘disciplinas’”. (Foucault, p.7)

A utilização de instrumentos de coerção, como a palmatória, castigos punitivos e outros, era habitual nas escolas, durante as décadas do início do século XIX e XX. Principalmente depois de 1762, o espaço escolar se organizou de forma que conhecemos hoje:

“A ordenação por fileiras, no século XVIII, começa definir a grande forma de repartição dos indivíduos na ordem escolar: filas de alunos na sala, nos corredores, nos pátios; colocação atribuída a cada um em relação a cada tarefa e cada prova; colocação que ele obtém de semana em semana, de mês em mês, de ano em ano; alinhamento das classes de idade, umas depois das outras; sucessão dos assuntos ensinados, das questões tratadas segundo uma ordem de dificuldade crescente. E nesse conjunto de alinhamentos obrigatórios, cada aluno segundo sua idade, seus desempenhos, seu comportamento, ocupa ora uma fila, ora outra; ele se desloca o tempo todo numa série de casas; umas idéias, que marcam uma hierarquia do saber ou das capacidades, outras devendo traduzir materialmente no espaço da classe ou do colégio essa repartição de valores ou dos méritos. (Foucault, p.9)”.

Hoje em dia esses métodos foram abolidos das instituições escolares. Exalta-se as grandes mudanças na educação brasileira.

Contudo, será que ocorreram transformações na mentalidade dos educadores? Na forma que nossos alunos são tratados dentro das escolas?

A educação ainda é considerada como meio de inculcação da ideologia da classe dominante, e são reproduzidas as relações do modo de produção capitalista. As relações de dominados e dominadores. Os “professores” sem se darem por conta favorecem a perpetuação desta ideologia.

Para mudar esta situação, o educador deve acordar, é necessário ir no íntimo dessas questões, modificar as relações, o pensamento da sociedade. Uma difícil tarefa, mas não impossível; a iniciativa deve partir dos educadores que tem o privilegio de “moldar” e desenvolver a base da sociedade: a criança.

Durante o desenvolvimento deste capítulo, me indignei com uma matéria publicada no Jornal O Globo, e resolvi comparar a manchete com a declaração de uma pessoa que estudou na década de 60.

“Se vinha de carteira em carteira, perguntando a matéria do dia, se o aluno não soubesse ia adiante. Aquele que soubesse batia em todos aqueles que erravam, tinha que dar bolo. Se o aluno não batesse, a professora batia com a palmatória. Apanhava-se na tabuada e nas matérias decorebas. Tinha castigo de cara na parede, de frente, pro quadro negro, ajoelhado no milho. Tinha o castigo do recreio: se não se comportasse ficava sem recreio. Quando o aluno era muito rebelde, ia a classe toda fazer queixa na casa, que é o meu caso”. (J.S. 50 anos)

“Na escola municipal de educação fundamental Saline Abdo, na periferia de Nova Odessa (126 km a noroeste de São Paulo), um menino foi punido logo depois de voltar do período de recreio, por volta das 15h, quando a professora recolheu dos alunos os livros que haviam sido pegos emprestados na semana anterior. Como o garoto havia esquecido o seu livro em casa, a educadora, o colocou atrás da porta e disse para lá permanecer até que fosse liberado do castigo. Mas a professora esqueceu de tirar o garoto de lá depois que a aula acabou. A escola foi fechada, e menino passou mais de quatro horas no mesmo lugar até ser encontrado pela mãe, às 19h20. Depois de resgatado pela mãe, o estudante foi levado para um posto de saúde do bairro para ser medicado com calmantes”. (Fonte: Jornal O Globo, 17/11/2004)

Portanto, o que difere no modo pelo qual são tratados os alunos, na década de 60 e anos 2000? Em nada... Como havia afirmado anteriormente, os métodos coercitivos foram abolidos, mas as relações continuam reproduzindo a ideologia da classe dominante; é preciso que os corpos sejam dóceis e submissos.

O que leva uma professora a tratar seu aluno, da forma desta notícia, senão o jogo de forças, a relação de poder, inconscientes, para padronizar os indivíduos.

No caso relatado no jornal, foi negligenciado o lado mais importante: o lado humano, as diferenças dos indivíduos, os sentimentos.

Os sentimentos deste aluno foram desprezados, ele permaneceu horas, de castigo atrás da porta, submisso a ordem da professora; mas este é apenas mais um dos casos que ainda acontecem em algumas escolas; e quem se preocupa? Devemos nos preocupar...

Até que ponto este tipo de acontecimento pode gerar um trauma na vida de uma criança? E, de muitas outras.

III - O que é Trauma?

Este termo há muito utilizado em medicina e cirurgia vem de uma palavra grega que designa uma ferida com efracção. A psicanálise retomou este termo, transpondo para o plano psíquico as três significações: a de um choque violento, a de uma efracção e a de conseqüências sobre o conjunto da organização.

Entrevistei algumas pessoas fora do ambiente acadêmico para saber como é definida a palavra trauma na concepção popular. Popularmente Trauma pode ser físico quando acontece lesão, amputação e algum membro, ou psicológico. As respostas que obtive foram:

“Quando se sofre um abalo de alguma natureza que altera o seu próprio Eu” (Alice, 24 anos)

“... Qualquer circunstância parecida, revive-se o ‘trauma’ criando uma auto-defesa, surgindo as fobias, os medos...” (João, 50 anos)

“Qualquer experiência que causa um bloqueio psicológico no indivíduo que vai tentar reagir de diversas formas (sintomas patológicos, neuróticos) para se auto defender destas lembranças. (Patrícia, 26 anos)

No Dicionário Aurélio (1975), o termo trauma refere-se a traumatismo. “Conjunto das perturbações causadas de maneira mais ou menos súbita por um agente físico. Choque violento capaz de desencadear perturbações somáticas e psíquicas”.

E no Dicionário de Psiquiatria trauma refere-se a : Lesão, contusão, algo que fere ou magoa física ou psiquicamente.

“O trauma pode produzir sintomas mentais em uma de duas maneiras, ou causa lesões estruturais no cérebro, ou causa perturbações emocionais, que de uma forma ou de outra são prolongadas, por algum tempo, no segundo caso, o resultado é geralmente uma neurose”. (1986)

Pude verificar que o conceito popular não diverge muito da definição da Academia Brasileira e do Dicionário de Psiquiatria.

Nos questionários respondidos, *trauma* é alguma experiência, acontecimento que marca negativamente a vida da pessoa; uma ferida na alma.

“Lembranças de atitudes, ações, comportamentos que por algum motivo provocam angustia, medos e sofrimentos a determinado indivíduo.” (L. 24 anos)

“Marca deixada na alma do indivíduo (psique), por algum acontecimento que ocorreu em um determinado momento de sua vida trazendo malefícios”. (F.22 anos)

“Uma ou mais acontecimentos que marcam a vida da pessoa deforma negativa, e que pode acarretar uma serie de limitações”. (E. 21)

“O resultado de um episódio mau -sucedido que gera emoções, reações e sentimentos ruins na pessoa. Entendo que o trauma permanece na lembrança e cada vez que é lembrado ocorre uma reação ao fato . Ate que o indivíduo supere ou entenda de alguma forma o acontecido”. (V.22)

Sigmund Freud, em Estudos sobre a histeria (1895), concluiu que o fator patogênico responsável pela formação de trauma, não é necessariamente um acontecimento terrificante, mas trata-se também da incompatibilidade entre o desejo da pessoa e uma exigência moral; que traz um aumento de excitação a vida psíquica, pois a liquidação ou a elaboração destas lembranças fracassa pelos meios normais e habituais, acarretando perturbações duradouras no funcionamento energético, do aparelho psíquico.

Porém não se pode falar de acontecimento traumático, sem considerar a susceptibilidade própria do indivíduo. Para que haja traumatismo, isto é, a não-absorção da experiência que permanece no psiquismo, o indivíduo provavelmente se encontra em condições psicológicas “vulneráveis” no momento do acontecimento.

Portanto, daí a necessidade da sensibilidade, dos educadores ao se relacionarem com as crianças para que tenham um desenvolvimento psicológico sadio, pois não se pode prever em que momento esta susceptibilidade do aparelho psíquico pode ocasionar um trauma.

3.1 - O Aparelho Psíquico e a Formação do Trauma.

Um acontecimento traumático desencadeia um aumento de excitação a vida psíquica e acarreta perturbações duradouras no funcionamento energético do aparelho psíquico (inconsciente, pré-consciente e consciente)

Freud em *O Ego e o Id* (1923), formula explicações sobre o funcionamento mental, através de um modelo do aparelho psíquico e suas estruturas, sendo elas: Id, Ego e Superego.

ID - é a instância da onde provém as pulsões, o inconsciente. Seus conteúdos são os representantes psíquicos das pulsões, seja os que nunca chegaram a se tornar conscientes, seja os que foram recalçados. Para Freud, o indivíduo ao nascer tem apenas o Id, e que aos poucos o contato com as impressões da realidade, cria uma espécie de organização secundária, originando o ego.

Ego - é a sede de quase todas as funções mentais, a consciência; responsável, por "harmonizar" as pulsões do Id, com a realidade externa.

Superego - É uma espécie de censor das funções do Ego, estimula o que deve ser processado e proíbe o que não deve; agindo como uma consciência moral. Esta censura do Superego se baseia nas normas morais que se fixam a partir dos primeiros anos de vida.

No funcionamento ajustado do psiquismo, o Id supre energia pulsional que o Ego, autorizado pelo Super ego, transforma em pensamentos conscientes, ações, projetos, conforme os fins das pulsões.

Quando surge um conflito entre o Id (pulsão) e o Superego (consciência moral); cumpre ao Ego decidir entre as exigências do desejo, as necessidades e as convenções da realidade externa.

Caso o Ego decida por obedecer ao Superego e opor-se as pulsões do Id, estes desejos continuarão a pedir passagem. O Ego, para defender-se das "condenações" da consciência moral (Superego), disfarça o objeto de desejo, desviando essa energia do Id, para outros fins. Adequando os desejos de impulso, para que sejam culturalmente, socialmente aceitos, ocorre a sublimação destes desejos.

Se ao contrario, o Ego aceitar em satisfazer o Id, a condenação da consciência moral, se manifestara sob a forma de angústia ou de sentimento de culpa.

Essa regulação psíquica resulta no conjunto de comportamentos que culmina na formação da personalidade do indivíduo.

Todo ser humano, durante o seu desenvolvimento, passa por privações, proibições de seus desejos e situações frustrantes, devido à varias exigências morais, pedagógicas e sociais.

Porém, para o individuo chegar ao final deste percurso, e atingir a fase adulta, psicologicamente saudável, é essencial que tenha um equilíbrio e apoio sócio-afetivo, para conseguir “negociar” internamente com estas privações e angústias. Caso contrario está incompatibilidade de exigências das instancias psíquicas e lembranças frustrativas, podem manifestar-se através de neuroses traumáticas.

Antigamente, o termo neurose era usado como referência a qualquer distúrbio somático dos nervos ou a qualquer distúrbio funcional do sistema nervoso. Na terminologia psicanalítica, é usado de modo mais abrangente para incluir todos os distúrbios psíquicos. Atualmente o termo é sinônimo de psicose.

“O tipo de mecanismo de defesa (isto é, a escolha de neurose) depende da natureza do impulso rechaçado, da idade do paciente quando o conflito decisivo foi vivenciado, da intensidade e natureza dos fatores de frustração, da disponibilidade de gratificações substitutas na época da frustração, e, particularmente, da situação histórica específica, que força certo tipo de reação”. (Campbell, p.404, 1986)

Com a finalidade de melhor ilustrar o funcionamento do psiquismo e como a inibição de impulsos podem gerar sintomas neuróticos, relato uma experiência .

Na escola, onde estagiei durante um ano, estabeleci uma relação de afetividade e cumplicidade com os alunos, e pude acompanhar a interação deles na escola, todos os dias.

Dentre todos as crianças que me cativaram, havia um aluno em específico, que era o mais cobrado na escola em termos de disciplina e comportamento.

Por já ser “visado” pela professora, praticamente todos os dias D., era chamado a atenção, carregado para a diretoria, obrigado a copiar o nome diversas vezes, sentar separado dos colegas, ficar em sala sem parquinho e outras tantas pequenas punições. Todas pelo motivo que ele se recusava a seguir e a obedecer o que a “Tia”, e outros funcionários da escola lhe impunham.

Este “rebelde” aluno tinha apenas 5 anos de idade, e na época estava no pré-CA. A sua dificuldade de permanecer sentado, quieto, e, algumas vezes, de cabeça baixa, se tornou o sofrimento da professora; pois dos seus vinte e três alunos, ele era o único que não aceitava as regras da escola. Era preciso que ficasse em uma sala pequena e apertada, brincando de

massinha e colagem das oito horas da manhã ao meio dia, com “direito” de ficar quieto também na hora do recreio, sem correr.

D. não compreendia e não era compreendido pela professora. De tanto ser censurado e punido, por suas peraltices, D. desenvolveu um comportamento extremamente agressivo para a sua idade, passando a bater no colegas e a chutar a sua professora.

Em um de seus castigos, em que D. teve que ficar até depois da hora, sob a minha “guarda”; pois a professora dele tinha outros assuntos para serem resolvidos. Procurei conversar com ele, e saber qual era o motivo de mais uma punição: tinha cuspidido na professora.

Mas o assombro maior foi quando D. me declarou com bastante raiva que iria matar todas as “Tias” da escola, pois não gostava delas, e com um lápis entre os dedos me mostrou como faria. Mantive-me calma e lhe disse que ele não poderia matar as professoras. Explicando que elas lhe queriam bem, tentei fazer com que ele mudasse de idéia, e no fim da conversa disse-me que não mais faria isso.

Neste caso, é claro que uma criança de cinco anos, não mataria todas as “tias” de uma escola. Porém, por ser criança ainda não sabe reprimir os seus impulsos. No inconsciente de D., surgiu a vontade, o impulso para matar, mas seu Superego ainda está se desenvolvendo, não consegue inibir o Ego e censurar impulsos baseado em normas morais, pois ainda são poucas essas impressões com a realidade, tanto que se expressou na hora em que veio a vontade de se livrar das professoras.

A minha presença assumiu este papel de “Superego”, na medida em que o fiz refletir sobre as conseqüências de matar alguém.

D. tem a todo instante o seu impulso repreendido, mas certamente seu ego encontrará outra maneira de satisfazer-se seja desviando essa energia para outras atividades por desequilíbrio gerar sintomas neuróticos.

Só um acompanhamento psicológico de D. diagnosticaria até que ponto, esta educação repreensiva lhe trará transtornos emocionais e comportamentais.

“A supressão forçada de fortes pulsões, por meios externos nunca produz, numa criança, o efeito de essas pulsões e extinguiem ou ficam sob controle; conduz a repressão, que cria uma predisposição a doenças nervosas no futuro”.

(...) pulsões associadas e perversas na criança, se não forem submetidas à repressão, e sim desviadas de seus objetivos originais para outros mais valiosos, através do processo conhecido como sublimação.” (Freud, 1913-1914)

Acerca do que Freud afirma, em O interesse Educacional da Psicanálise (v.XIII) a professora de D. através da pedagogia, poderia encontrar meios de explorar esta energia, facilitando a promoção da sublimação dos seus impulsos e o ajudando a encontrar atividades que realmente gostasse. Diminuindo desta maneira, o comportamento agressivo de D.

Muitos professores desconhecem o seu papel na formação psíquica de seus alunos. Por vezes, ao invés de ajudá-los, a atingir um equilíbrio sócio-afetivo, criam situações angustiantes e conflitantes em sala de aula, estabelecendo uma relação hostil com seus alunos, estimulando comportamentos patológicos.

A criança, por mais que tente ter atitudes aversas, inconscientemente toma o adulto como modelo a ser seguido, e são impressionados, sejam por atitudes positivas ou negativas.

Neste caso, D. por não ter um comportamento adequado a escola, foi encaminhado ao acompanhamento psicológico.

IV - Experiências Traumatizantes nas Escolas:

A escola, depois da família, é a segunda instituição onde as crianças encontram maiores possibilidades de se reconhecerem como ser social e de desenvolverem seu lado social e afetivo.

Neste espaço, vivem cerca de seis horas por dia, desenvolvendo aptidões, aprendendo sobre o mundo, interagindo com outras crianças e adultos.

O ambiente escolar e os professores intervêm na transmissão do saber-científico, culturalmente organizado, modificando modos de pensar e comportamentos do indivíduo.

Devido a estes fatos, a escola deveria ser um ambiente de convivência social saudável, onde as relações interpessoais fossem prazerosas; porém, na realidade, não é sempre isso o que acontece. Em muitos casos, a relação estabelecida entre professores e alunos é conflitante, onde o “poder” do professor se manifesta em suas interlocuções, em suas subjetividades e nas relações interpessoais, desconsiderando e subjugando o valor do aluno.

O domínio do saber cria uma barreira afetiva entre estes, dificultando o aprendizado dos alunos, quando não atitudes impensadas de ‘educadores’ podem gerar verdadeiros traumas em seus alunos.

Caso I

Aluno da 1ª série, 9 anos estudante de uma escola pública na Z.Oeste do Rio de Janeiro
Tentava fazer um trabalho da cartilha “Gente Sabida”, mas encontra dificuldades, levanta e vai até a mesa da professora pedir auxílio no dever. A professora sem paciência, ao ver os “erros de português” que o aluno havia cometido, começa a gritar com o aluno, chamando-o de burro, e num acesso de raiva, joga o livro do aluno no chão e o agarra pelas orelhas. Como se não bastasse, coloca-o atrás da porta e começa a imprensá-lo contra a parede, com a porta batendo na cabeça do aluno.

Alguns estudantes da classe riem da situação do aluno, e ela os põe em pé de castigo, junto com a vítima até as últimas horas de aula.” (R . 25 anos)

Caso II

Dia de prova em uma escola particular na Zona Oeste do Rio de Janeiro. Todos os alunos, sentados em silêncio. Apenas os estojos pairam em cima das carteiras.

A aluna recebe a sua prova e, antes de começar a fazer, percebe que mal pode ler o que está escrito, pois a folha mimeografada está borrada. A aluna levanta o dedo e chama a “tia”, como não é atendida, vai até a mesa da professora que ao se sentir importunada grita com a aluna mandando-a sentar. A menina tenta se explicar, a professora então, com as unhas a agarra pelos braços e, sacudindo a criança, leva-a até sua carteira. Em seguida, com movimentos rápidos, senta e levanta a menina várias vezes da cadeira, mostrando a diferença entre “sentar e levantar”. Ainda gritando, manda a aluna ficar calada.

A aluna assustada acaba se esforçando em entender os “borrões” da prova e assume uma postura “muda” em todas as aulas. (P. C. 26 anos)

Caso III

Aluna da 1ª série, de uma escola pública do Rio de Janeiro, tem apenas 7 anos, mas por ser a mais alta da turma senta na última carteira. Apresenta um comportamento, quieto e obediente.

Durante a aula, todos em silêncio. Sua borracha cai, tenta se abaixar e alcançá-la com o pé, mas não consegue. Catuca o colega da frente e pede para ele pegar o objeto no chão.

Neste momento, a professora se vira e grita absurdamente com a aluna por estar cochichando. A menina se estremece, sem entender o que fez de errado.

Sente vontade de ir ao banheiro, mas, calada e com medo da professora acaba por urinar nas calças. (C.23 anos)

Esses casos aconteceram na década de 90. Foram relatados por pessoas que sofreram experiências traumatizantes em seu período escolar. Hoje em dia, são adultos, com uma vida social estabilizada. Mas é incrível como relatam suas experiências, como tivessem vivido estas histórias há dias. Lembram de detalhes da cena, da série que estudavam, do olhar da professora, da reação dos outros alunos. É a lembrança do que feriu; mesmo depois de anos, contam com emoção e ressentimento o que vivenciaram.

Freud (1904), no capítulo que trata das *Recordações de Infância*, certas pessoas são capazes de relembrar a sua infância, até os primeiros anos de vida e que são determinadas lembranças que deixam impressões na vida do indivíduo, podendo refletir posteriormente durante a sua vida adulta em forma de neuroses-traumáticas.

“Ao mesmo tempo, todas as razões para admitir que todos esses factos esquecidos da vida infância e infância exerceram uma influência determinante no desenvolvimento ulterior da pessoa”.(pág- 58)

No caso da pessoa C (23), conta que depois desse fato, ficou ^{afetada}balada emocionalmente, com um comportamento que já era quieto, tornou-se muda e insegura, pois passou a ter medo de falar com a professora. E que ao longo dos anos, conseguiu modificar seu comportamento graças a sua boa estrutura familiar.

Porém o que acontece com aqueles alunos que, não tem um família estruturada emocionalmente, nenhum apoio familiar, que aprendem desde cedo a “se virar sozinhos”, e que muitas das vezes tem como única figura “maternal”, (a) professor (a). E em salas de aula se deparam com educadores, frios, distantes, agressivos e nada afetuosos ?

A responsabilidade do desenvolvimento sócio - afetivo das crianças, deve ser repartida entre pais, responsáveis e professores. Mas, em muitas famílias, devido as condições sócio - econômicas e de tantas outras, a única figura que o aluno pode ter como referencial é o professor.

Rubem Alves em, *Conversas com Quem Gosta de Ensinar* (2004), discorre sobre a diferença entre as arvores eucaliptos e jequitibás.

Os Eucaliptos são árvores que crescem depressa, organizadas em espaço, preparadas para o corte, para o lucro. Os Jequitibás são velhas árvores que demoram a crescer, que ocupam grandes espaços, sem utilidade lucrativa.

Uma metáfora da diferença entre o educador e o professor. Onde, o primeiro se preocupa com o próximo, com as suas relações, com os conteúdos que ensinam, com o currículo oculto. E o professor esta preocupado apenas em exercer uma função, em produzir e lucrar, sem se dar conta das particularidades a sua volta.

“Eu diria que os educadores são como as velhas árvores. Possuem uma face, um nome, uma ‘estória’ a ser contada. Habitam um mundo em que o que vale é a relação que os liga aos alunos, sendo que cada aluno e uma ‘entidade’ *sui generis*, portador de um nome, também de uma ‘estória’, sofrendo tristezas e alimentando esperanças (...)

Mas professores são habitantes de um mundo diferente, onde o 'educador' pouco importa, pois o que interessa é um 'crédito' cultural que o aluno adquire numa disciplina identificada por uma sigla, sendo que, para fins institucionais, nenhuma diferença faz aquele que a ministra. Por isso mesmo professores são entidades 'descartáveis', da mesma forma como há canetas descartáveis (...)

É doloroso mas é necessário reconhecer que o mundo mudou. As florestas fora abatidas. Em seu lugar, eucaliptos. (...)

O *educador*, pelo menos o ideal que minha imaginação constrói, habita um mundo em que a interioridade faz uma diferença, em que as pessoas se definem por suas visões, paixões, esperanças e por seus horizontes utópicos. O *professor*, ao contrário, é funcionário de um mundo dominado pelo Estado e pelas empresas. É uma entidade gerenciada, administrada segundo sua excelência funcional, excelência esta que é sempre julgada a partir dos interesses do sistema" (p.19)

Mais uma vez questiono, não estou aqui julgando, as atitudes de alguns professores frente aos aluno. Talvez vários fatores também de ordem psíquica os conduzem a agirem de maneira incoseqüente. Mas, deve-se refletir a cerca destes casos, que tipo de pessoas estamos formando para o mundo, com as nossas atitudes?

Que sombra estamos refletindo em sala de aula, a de um Jequitibá ou a de um Eucalipto?

V - Desenvolvimento Sócio - Afetivo nos Anos Iniciais :

Compreender o desenvolvimento humano, significa conhecer as características comuns de cada faixa etária, o que nos torna mais aptos para a observação e interpretação dos comportamentos, permitindo-nos reconhecer as individualidades.

O desenvolvimento humano tem sido abordado a partir de quatro aspectos básicos: o aspecto físico motor que se refere ao crescimento orgânico, à maturação neurofisiológica, à capacidade de manipulação de objetos e de exercício do próprio corpo.

O aspecto intelectual que é a capacidade de pensamento, raciocínio; o terceiro aspecto Social que é a maneira como o indivíduo reage diante das situações e com outras pessoas; e o aspecto afetivo, refere-se ao modo particular com que cada indivíduo integra as suas experiências com as suas emoções.

Ao nascer, a criança é extremamente indefesa. Sua sobrevivência depende da ajuda do grupo social onde vive, em atender as suas necessidades básicas. Com o passar dos meses, o bebê percebe que as pessoas reagem as suas expressões de fome, sede, dor, alegria, etc.

Ao mesmo tempo, desenvolvem uma grande capacidade de aprendizagem, sentem-se atraídas pelos estímulos de origem social e assimilam a cultura na qual estão inseridas, adquirindo valores, normas, costumes, conhecimentos, condutas. Os acontecimentos mais marcantes no período pré-escolar são: a aquisição da marcha, da fala, da autonomia dos hábitos alimentares e de higiene.

Os vínculos afetivos que a criança estabelece com os pais, irmãos, amigos, professores, etc. em seus primeiros anos, são a base para o seu desenvolvimento social. Uma vez estes vínculos estabelecidos, a empatia, o apego, amizade, etc. moldarão a sua conduta social, pois se sentirem motivados ou não diante das normas sociais.

A relação com estas pessoas resulta em sentimentos de segurança, bem-estar e prazer, quando há a proximidade; e de ansiedade, quando ocorrem separações ou dificuldades para restabelecer o contato.

“Este processo inicia-se com o nascimento e, embora sujeito a mudanças, permanece ao longo de todo o ciclo vital. Cada período de vida exige aquisições sócias diferentes, segundo a idade e as funções que a pessoa tenha que desempenhar. Durante os primeiros anos de vida são especialmente importantes alguns processos afetivos (o apego), o início de determinados processos mentais (conhecimento social das pessoas e de si mesmo, aquisição da linguagem, etc.) e hábitos sociais (certo grau de controle de si mesmo, expressões de afeto aos familiares, etc)” (Coll, 1998, p.84)

1998

Na área afetiva, por volta dos três anos dá-se início ao processo de identificação, com as pessoas mais próximas, divididas em três fases :

- 1) Fase da imitação - A criança reproduz as ações daqueles que a rodeiam, primeiramente dos pais.
- 2) Fase da sugestionabilidade - Reproduz os estados de humor e os sentimentos de seus modelos mais significativos.
- 3) Fase da identificação propriamente dita - A criança identifica toda a sua personalidade com a de outra pessoa.

Este processo de identificação traz consigo uma outra aquisição de grande importância para a compreensão da personalidade infantil - o Eu ideal, que com o passar do tempo se incorpora a personalidade e passa a ser inconsciente.

“Essa importante aquisição do Eu ideal traz algumas conseqüências para a personalidade da criança, uma vez que cria uma dualidade na estrutura da personalidade, composta de duas facções: de um lado a personalidade natural (eu -verdadeiro) com seus desejos, impulsos e demandas; de outro, o eu - ideal (personalidade moral adquirida por identificação)” (Enderle, p 81)

Dos anos seguintes até os sete anos, surgem os sentimentos interindividuais. A criança nutre um sentimento de respeito e de obediência em relação ao adulto. Na idade dos 7 aos 12 anos, há o aparecimento da vontade. A criança adquire autonomia em relação ao adulto e passa a organizar seus próprios valores morais, surgindo a necessidade do convívio em grupos de acordo com seus ideais.

Portanto, quero chamar a atenção para o processo de identificação que ocorre por volta dos 3 anos, exatamente o período em que muitas crianças entram para o pré -escolar e tem o primeiro contato com um mundo exterior `a sua família.

5.1 - Desenvolvimento da Personalidade:

Ao descrever a personalidade de um indivíduo, indicamos algumas características intrínsecas de sua conduta, como timidez, otimismo, pontualidade, inteligência, etc, a partir da observação do comportamento desta pessoa em diferentes situações. Estes ' termos' representam a descrição dos traços da personalidade deste indivíduo.

Um traço, é uma característica duradoura do indivíduo e que se manifesta na maneira consiste de se comportar em várias situações, podendo ser de muitos tipos ou grupos.

Alguns traços referem-se às características de temperamento; alguns as habilidades, interesses e valores; outros `as maneiras de ajustamento, e relações sociais.

Nas teorias de Freud, a formação da personalidade do indivíduo esta ligada ao desenvolvimento da sexualidade e distinguiu cinco fases, como essenciais. São elas:

A primeira fase denominada oral abrange os primeiro anos de vida, cujo prazer está vinculado ao ato de sucção, da amamentação e alimentação, nesta fase o seio materno torna-se o objeto de amor.

A segunda caracteriza-se pelo momento em que a criança adquire o domínio da musculatura anal, entre o segundo e o terceiro O prazer de reter ou evacuar conforme a sua vontade. Nesta fase, a criança já recebe as primeiras impressões disciplinares da sociedade; onde e quando é a melhor hora de satisfazer suas necessidades.

Já na terceira a fase fálica , o interesse da criança se volta para os órgãos sexuais e para os prazeres ligados ao seu manuseio. Neste período, surge o complexo de Édipo, e o objeto de desejo volta-se par aos pais.

A quarta fase de latência caracteriza-se, pelos efeitos decorrentes da repressão da sexualidade infantil, promovida pelo encerramento do complexo de Édipo, que traz como conseqüências a diminuição das atividades sexuais e fantasias.

Na quinta fase genital, o indivíduo deixa de se interessar por si mesmo e volta-se para outras pessoas e objetos.o indivíduo atravessa a etapa da puberdade.

Paralelamente, ao decorrer destas fases, a criança elabora e "acumula" suas vivências características de cada fase do desenvolvimento psicosexual. Ela está se descobrindo, aprendendo a socializar-se, construindo sua personalidade. Este aprendizado inclui sentimentos de aceitação, de auto-estima, e guiarão o indivíduo na sua relação com o outro e na sua própria realização pessoal.

Caso as experiências de cada uma dessas fases forem “ricas” em aspectos positivos, a criança terá desenvolvido a capacidade para confiar em si mesmo, sentir-se um indivíduo íntegro, digno de amar e de ser amado, hábil para desempenhar suas tarefas.

Se ao contrário, algo “falhar” nestas fases, a criança a todo instante ser depreciado ao invés de estimulado, sua criatividade for tolhida e seus impulsos severamente reprimidos; surgirão inúmeras dificuldades no decorrer da infância e da idade adulta, podendo resultar inclusive em diversos comportamentos patológicos.

5.2 - Construção da Auto-Estima e do Auto-Conceito :

Entre os dois e três anos de idade, o padrão evolutivo do auto-conceito é uma construção ativa que se torna realidade graças ao acesso a capacidades crescentes, e as interações sociais que a criança estabelece com as pessoas que a cercam. A criança constrói a consciência de sua própria existência, como um indivíduo independente dos outros. Neste período a criança precisa enriquecer a sua própria imagem com características que as diferenciem dos demais.

O auto-conceito na pré-escola se baseia em atributos pessoais externos. A criança se descreve pelas atividades que realiza, seus êxitos ou habilidades, aparência física ou traços distintivos de caráter real. Nesta fase, o auto-conceito tende a ser global, vago, não específico. A criança ao se auto-descrever, tende a conceber as relações sociais, como elas mesmas. Ou seja a criança se auto define como amigo, irmão ou filho de alguém. Elaborar o auto conceito com base em evidências externas e arbitrárias, e baseado em fatos concretos ocorridos em algum momento. ?

Durante a primeira infância, se percebe os interesses por palavras, desenhos, imagens, etc, dependendo estas da concentração mental momentânea .

Com o surgimento de interesses os valores estão relacionados de perto aos sentimentos de auto-valorização: os famosos complexos de inferioridade ou de superioridade. Os êxitos ou fracassos da atividade própria se registram numa espécie de escala de valores, elevando- os rebaixando, daí se origina um juízo sobre si mesmo, que pode ter grande repercussões em todo o desenvolvimento.

A auto-estima se desenvolve, parcialmente em função das experiências que a criança tem com o próprio corpo e o ambiente, refere-se ao aspecto avaliativo julgador que o indivíduo tem de si mesmo.

A importância da auto-estima é devido ao fato de ser determinante do êxito escolar, das relações sociais e da saúde mental.

Segundo Damon e Hart in Mussen (1982), a auto-estima é uma avaliação positiva ou negativa que deve ser estudada sob dois aspectos: os fatores que a fazem ser alta ou baixa, e as tendências gerais na evolução do curso da vida.

A criança precisa desenvolver a auto-estima adequada e há alguns fatores que determinam esse fato: a importância da aceitação pelos “outros mais significativos” de seu meio, e a história pessoal de cada um. Estes “outros significativos” na vida da criança, são sem dúvida, seus pais, educadores, suas atitudes e práticas de criação e educação que são aspectos determinantes da auto-estima das crianças.

Para Mussem (1982), as experiências na escola infantil podem aumentar a auto-confiança de uma criança. Uma criança acanhada, amuada e retraída por causa de um ambiente áspero e restritivo em casa, pode se expandir numa escola maternal, onde os professores sejam carinhosos, compreensivos, tornando-se alegre, feliz e criativa.

Por outro lado, experiências desagradáveis na escola, podem arruinar os efeitos benéficos das boas relações entre os familiares. De extrovertidas e agradáveis, podem se tornar crianças socialmente desajustadas, retraídas e infelizes. Entrar em contato com novas situações, principalmente os relacionamentos sociais, tende a reajustar as crianças e a alterar realmente seu comportamento e personalidade.

Segundo Debessé (1972), as características do professor se relacionam com o progresso social e intelectual dos alunos. Professores que elevam a auto-estima dos alunos, são independentes em suas posições e considerações, positivos em seus pensamentos e crenças morais; tolerantes diante das dificuldades e das incertezas e interessados por novidades; ao interagirem com as crianças são mais carinhosos, descontraídos, e percebem as necessidades dos alunos, incentivando a responsabilidade e a liberdade de sentimentos e de criatividade; não se prendem às regras e não apreciam o comportamento punitivo.

As crianças pequenas, expostas a professores mais calorosos e incentivadores serão mais influentes e construtivas, além de se envolverem mais nas atividades da turma; professores cujas medidas disciplinares não estimulam nem recompensam os alunos, promovem atitudes negativas aumentando a tensão, a agressividade, e as dificuldades de adaptação à escola.

Os professores, entusiasmados, capazes de mostrar iniciativa, criativos, equilibrados, adaptáveis, planejadores, interessados pelas relações com os pais e amigos, cientes das diferenças entre as crianças e orientados para um aconselhamento individual, são preferidos pelos alunos e promovem maior progresso social emocional e escolar.

Já os professores dominadores ou hostis afetam negativamente o ajustamento dos alunos; frustram as tentativas da criança para satisfazer suas necessidades, podendo provocar agressão. O professor autoritário pode enfrentar dificuldades, se tentar introduzir respostas socializadas já que inibi as respostas do aluno, usando o medo e a punição. Este tipo de professor jamais conseguirá desenvolver nos alunos o desejo de cooperação.

Um professor deve dirigir as atividades da criança racionalmente, relacionando-as ao contexto, e repartir com os alunos as razões de seus métodos. A autonomia e a vontade própria disciplinadas são valorizadas por um mestre competente que reforça suas opiniões, mas respeita os interesses da criança, estabelecendo os padrões para o futuro, e re-afirmando as qualidades atuais da criança.

VI - Traumas - Reflexos na Vida Escolar e Pessoal :

Segundo Freud (1895), as neuroses têm a sua origem na infância, principalmente entre os três e seis anos de idade. Exatamente este é o período, em que a criança está iniciando no mundo da disciplinarização escolar.

O educador das series iniciais, deve ter o máximo de cautela e sensibilidade na interação com seus alunos, pois nesta época, a neurose pode surgir facilmente, pois o ego infantil ainda está pouco desenvolvido; a criança é incapaz de resolver seus conflitos internos, recorrendo a métodos defensivos, os chamados sintomas.

E não é preciso um grande abalo para desencadear uma “neurose infantil”; as palavras têm tanto poder quanto à ação, podem ferir ou elevar uma pessoa da mesma forma. Quando pequenos, tendemos a acreditar e inculcar em muitas das coisas que ouvimos dos adultos.

Em algumas das minhas conversas para a realização deste trabalho, encontrei casos em que esse poder verbal pernicioso surtiu efeito: como uma pessoa que tem vergonha da própria caligrafia, pois no período em que cursava o ‘primário’ foi exposto e ridicularizado na frente dos colegas de classe, pela professora que não conseguia entender a sua letra; ou mesmo outra, em que hoje em dia tem pavor de matemática, pois a sua professora da quinta serie, entrava em sala ameaçando reprovar todos os alunos na sua matéria, e isto realmente lhe aconteceu por três anos consecutivos.

Como Freud afirma são impressões da infância que moldam a nossa personalidade, muitas das vezes nossas fobias, angustias e inseguranças nos passam despercebidos, mas se procurarmos a causa destes sentimentos, encontraremos pistas no passado, do porquê sermos como/quem somos.

Recordo - me de um fato simples que pude perceber em muitas dinâmicas de grupo, a resistência que muitos adultos têm em se expressarem por desenhos, sentem-se inseguros ao expor seus desenhos em público, alegando não saberem desenhar- o belo.

Ora, essa construção do “belo” é muito valorizada nas escolas infantis; não é raro de se encontrar professores que enfeitam os murais na parede de suas salas, apenas com os desenhos mais belos, deixando os que fogem do “padrão” dentro da gaveta.

Quando se é criança, a preocupação está em exprimir-se através das cores e das formas, o resultado dessas combinações é o que menos importa.

Em uma de minhas observações numa classe de 1ª série, os alunos deveriam pintar um bloquinho de várias bonequinhas como presente para o dia das mães. No instante que iam acabando, levantavam-se e mostravam os desenhos à professora. Uma das alunas foi satisfeita até a “Tia” mostrar a sua obra.

Eu de longe que ajudava as crianças, não pude deixar de estranhar a reação da professora frente ao bloquinho da aluna: “Cruzes que desenho feio. Se eu fosse a sua mãe não aceitaria este desenho mesmo!” A aluna pegou as bonequinhas, e sentou em sua carteira com a feição triste.

Fui até ela e pedi pra ver o que tinha feito; a pintura estava perfeita, a “dificuldade” de S. foi que queria desenhar as sandálias de sua mãe com tiras até a perna.

Se esta professora tiver formação profissional de estilista, certamente a sua postura frente a criança não foi nada pedagógica.

Caso este acontecimento de alguma forma surtir efeito emocional sobre S., existem possibilidades, dela se tornar mais um desses adultos que se recusam a desenhar.

Freud afirma que em muitos casos, esses reflexos, não espera até a puberdade para irromper, revelando-se já no período da infância, em forma de sintomas neuróticos, manifestados por distúrbios sensoriais, motores ou viscerais, distúrbios mentais como ansiedades, medos específicos, fobias, perturbações da memória, estado de transe, sonambulismo, pensamentos perturbadores.

Não quero aqui afirmar que toda experiência traumática resulta em consequências negativas, ou sintomas neuróticos; quero chamar a atenção, para o cuidado, a sensibilidade que o educador deve ter com seus alunos, evitando-se que isto aconteça.

Um caso emocionante que me foi relatado, por uma pessoa que teve o privilégio de ser alfabetizada em casa, por uma professora particular que lhe ensinava pelo método montessoriano.

Essa atenciosa educadora transmitia os conhecimentos da maneira mais lúdica possível; e o elo afetivo que foi construído com o tempo, fez com que esta aluna aprendesse com facilidade das cores as formas geométricas.

Aos sete anos, ainda menina ingressou na escola pública Soares Pereira totalmente alfabetizada, e com conhecimentos à frente das crianças da sua idade, a diretora percebendo o seu desenvolvimento lhe aplicou uma prova que a classificou para a 2ª série.

Foi aí então que começou o “tormento” desta aluna, acostumada com o seu ambiente familiar, e uma educadora calma, agora se deparava com uma professora agressiva que gritava com os alunos, dava reguada e puxava a orelha dos alunos..

Esta criança que antes era tranqüila e alegre, diante do olhar tirânico dessa professora, tornou-se insegura, não comia lanche e chorava desde a hora da entrada até a saída.

Esse sofrimento da aluna durou todo o ano letivo, só terminando quando passou para a série seguinte com outra professora. Os anos se passaram, e hoje em dia esta aluna tornou-se uma excelente professora universitária.

Esta experiência traumática na infância fez com que ela se tornasse uma professora, diferente daquela que lhe havia dado aula no primário; jurou que nunca na vida iria reproduzir na sua profissão, dentro de sala de aula, o que havia sofrido no seu tempo de aluna.

Como já havia afirmado anteriormente, não é toda experiência traumática que traz conseqüências negativas para a vida do individuo, depende de como a pessoa vai resolver e enfrentar o trauma em sua vida. No caso desta pessoa ela conseguiu superar estas lembranças da melhor maneira possível.

De qualquer forma, qual a melhor maneira de se educar sem que se imponha um poder tirânico que privam a criança de desenvolver a confiança em si mesmo.

Essa professora, talvez sem saber causou sofrimento de um ano em uma criança, uma angústia infantil que poderia ter sido evitado, caso ela reavaliasse sua prática pedagógica dentro de sala.

E não se trata apenas de rever apenas a eficácia das técnicas, e o material didático, mas reavaliar a sua postura como profissional e acima de tudo como pessoa.

6.1 – Educação Sem Traumas :

Freud considerava impossível educar, já que a frustração de desejos é inevitável. Instruir, moldar o individuo, para que seja culturalmente aceito é uma difícil tarefa.

“A dificuldade da infância reside no fato de que, num curto espaço de tempo, uma criança tem de assimilar os resultados de uma evolução cultural que se estende por milhares de anos, incluindo - se aí a aquisição do controle de suas pulsões e a adaptação à sociedade ou pelo menos, um começo dessas duas coisas . Só pode efetuar uma parte dessa modificação através do seu desenvolvimento; muitas coisas devem ser impostas à criança pela educação.”
(Freud,1912)

Reconhece, as dificuldades enfrentadas pelos educadores, em lidar com uma educação não castrativa e em renunciar o seu `poder` impositivo de seus próprios valores e idéias que sobrepõem os desejos dos alunos. Entretanto, o professor não é dono da verdade`. O fato, de ter mais conhecimentos adquiridos que seus alunos, não o dá direito de usá-los para manipular. É preciso que se mostre caminhos para o aluno encontrar o seu próprio, transformando-se em ser pensante.

Para Freud (v.12), através da educação, deve inibir, proibir e suprimir, a criança deve aprender a controlar suas pulsões,. porém verificou-se que essa supressão das pulsões envolve o risco de doença neurótica.

Contudo é impossível conceder liberdade a criança de por em prática todos os seus impulsos. Sem restrição, seria um caminho sem volta, para os educadores, e as próprias crianças sofreriam graves prejuízos de ajustamento moral e social., deve-se descobrir um ponto equilíbrio que possibilite `a educação atingir o máximo de eficácia, com o mínimo de dano.

Em vista disso, Freud em seus estudos pensou na aplicação da psicanálise a educação, pois para o educador reconhecer a individualidade constitucional da criança, deduzir o que está se passando na mente imatura desta, só adquirindo uma sólida formação psicanalítica.

O educador inspirado por idéias psicanalíticas, aprende que pode organizar seu saber, mas que não pode ter controle sobre os efeitos que produz sobre seus alunos. Compreende que aquilo que transmite é apenas a ponta de um iceberg diante do mundo que a criança tem a explorar, e que deve ajudar seus alunos a canalizar seus impulsos mais perversos para objetivos mais valiosos, através do processo de sublimação.

A psicanálise, pode transmitir ao profissional uma ética, uma nova maneira de ver e entender sua prática educativa, uma nova filosofia de trabalho, sem contudo abandonar a especificidade do seu papel na vida das pessoas: a de educador

VII - Análise dos Questionários :

Analisando os questionários respondidos, dos 25 recolhidos, 14 pessoas responderam que não sofreram nenhum tipo de trauma, e 11 pessoas responderam que sofreram trauma, no período escolar.

Da população pesquisada, 98% são do sexo feminino e apenas 2 % do sexo masculino.

A faixa etária compreende dos 20 aos 43 anos. A grande maioria pesquisada estudou em colégios localizados na Baixada e na Zona Norte do Rio de Janeiro.

Um dado intrigante que ~~mé~~ chamou a atenção, é que entre as pessoas pesquisadas que não sofreram trauma apenas 1% não tem nenhum a atividade profissional, isto é 99% destas pessoas tem uma vida profissional paralela a vida acadêmica; em contrapartida das pessoas que sofreram trauma no período escolar, apenas 4% destas tem algum cargo profissional. Delimitando a faixa etária dos 20 aos 25 anos, a porcentagem é praticamente a mesma.

Provavelmente este dado revela, o fato que as pessoas que nunca sofreram trauma quando crianças são mais bem resolvidas em sua vida pessoal no geral, talvez por terem um desenvolvimento social e emocional mais equilibrado, uma elevada auto-estima, mais determinação frente aos obstáculos da vida; conseguem uma independência, autonomia, mais cedo do que aqueles que já sofreram algum tipo de trauma.

É claro que vários determinantes incidem nesta questão de reconhecimento profissional, e que seria preciso uma amostragem maior para constatar este dado. Mas já é um ~~forte~~ indício das conseqüências do trauma na vida dos indivíduos alvos da pesquisa.

Sobre a resposta "O que é um trauma", foi respondido em comum, que é uma experiência, acontecimento, que marca negativamente a vida das pessoas, revivido através das lembranças.

É interessante a relação do trauma com a memória, como realmente esta experiência marca profundamente, em um dos questionários respondidos, uma pessoa relatou um caso que viveu no jardim de infância; hoje ela tem 25 anos e não esquece do que lhe aconteceu nos primeiros anos de vida.

Alem do trauma vivido na escola, apareceram varias outras experiências traumatizantes que também podem repercutir negativamente na vida das crianças são elas: o preconceito racial, a discriminação por vários motivos, a separação dos pais, a "intolerância" dos colegas.

Dos traumas vividos dentro das escolas 80% são causados pelos professores, *destes a maioria do ensino fundamental*, e 20% pelos colegas de classe. Destes 80% as situações que mais apareceram como geradoras de traumas foram:

- | | |
|---|--|
| - Criticas (Na frente da turma)
(Quanto a caligrafia) | -Humilhação, bronca (em frente ao grupo) |
| - Reprovação (por pontuação mínima) | - Deboche (quanto a erro) |
| - Indiferença ao aluno. | -Ameaça (com provas e notas) |

Os sentimentos vivenciados pelos alunos durante a situação em que foram expostos, grande parte respondeu que sentiu vergonha, constrangimento, inibição, medo

Depois da experiência traumática que vivenciaram, tornaram-se pessoas mais inseguras, medrosas, distraídas, retraídas, mais tímidas e com baixa auto-estima.

Destas 11 pessoas que responderam ter sofrido trauma, durante o período escolar:

- 5 pessoas superaram seus traumas (três delas depois de terem entrado no curso de pedagogia, que a ajudaram a ‘ esquecer’ essa lembrança)
- 3 pessoas estão tentando.
- 2 pessoas encontraram maneiras diferentes de viver com seus traumas, desviando seus “medos e dificuldades” para outros objetivos que compensem.
- 1 (apenas) ainda não conseguiu superar seu trauma, sentindo-se frustrada quando a lembram deste assunto.

Estes dados revelam que com o amadurecimento, as pessoas buscam superar a experiência traumática, seja através dos estudos, do lado profissional, procurando atividades que exerçam com desenvoltura, ou através do apoio familiar.

Conclusão:

Refletindo acerca das inúmeras definições acerca da palavra Trauma: "Acontecimento que tenha marcado negativamente a vida de uma pessoa". E das questões levantadas no início da pesquisa: Como evitar que este acontecimento negativo, não ocorra nas escolas e, o mais importante, não tenha como protagonista, destes episódios, o professor.

Ao longo deste trabalho, encontrei pistas que me apontaram caminhos para os esclarecimentos das minhas inquietações.

De forma geral
A partir destas elucidações, conclui que não se pode saber até que ponto, as atitudes de um professor podem gerar um trauma em seu aluno, e por esse mesmo motivo, se deve ter o máximo de cautela e sensibilidade na relação com estes. As crianças por ainda estarem em desenvolvimento, tem o seu aparelho psíquico suscetível as impressões externas, principalmente as recebidas pelos adultos, que representam um valor afetivo para eles.

O desenvolvimento sócio - afetivo da criança pode ser prejudicado, diante de situações de choque, acarretando desequilíbrio psíquico e em comportamentos neuróticos.

E m/ta Os sentimentos vividos pelas crianças, durante situações traumatizantes *de* incapacidade de reagir *e de* culpa por desconhecerem a causa do sofrimento. Tornam-se pessoas inseguras, dependentes, retraídas, e com baixa auto - estima. Outros se sentem injustiçados, podendo apresentar comportamento agressivo ou desinteressado.

Estas experiências trazem conseqüência para a vida escolar e pessoal destas pessoas, muitos casos, repercutem até o período adulto quando conseguem superar, ou conviver com o trauma de infância. Mas a grande maioria consegue superar e reverter a lembrança para conquistar aspectos positivos em sua vida pessoal.

Constatei *que* ~~quais são~~ determinadas atitudes que "aparentemente" para o professor não tem importância, ~~mas~~ *que* consiste para o aluno, uma experiência que *causa* sofrimento, como crítica em frente ao grupo, ameaças, indiferença e atitudes agressivas.

Professores da pré-escola e da escola infantil podem incentivar as crianças para aumentar a sua perseverança e independência na solução de problemas do dia a dia. Devem criar situações novas e simples que provoquem mudanças no comportamento do aluno. Por exemplo, não dando importância para o comportamento agressivo de uma criança e recompensar o comportamento pacífico e cooperativo, isto certamente provocará a diminuição dos atos de agressão, tornando-a mais sociável.

O professor competente encoraja a iniciativa, a auto-estima e a responsabilidade social e oferece orientação, direcionamento de base e estabelece padrões e objetivos. A maioria das crianças desenvolve-se melhor com professores democráticos, bem treinados, não autoritários e interessados por seus alunos.

Estes professores incentivam no aluno a participação ativa no aprendizado, enquanto se mantém no comando, na direção de uma educação sem ou com mínimo de experiências traumatizantes, uma educação que positivamente é possível.

Bibliografia:

ALVES, Rubens. Conversas com Quem Gosta de Ensinar. 7.ed. São Paulo: Papyrus, 2004.

CAMPBELL, Robert.J. Dicionário de Psiquiatria. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

COLL, César. Desenvolvimento Psicológico e Educação. Porto Alegre, Artes Medicas, 1995. 1 v.

DEBESSE, Maurice. Psicologia da Criança. Do Nascimento a Adolescência. 11.ed: Nacional, 1972.

ENDERLE, Carmem. Psicologia do Desenvolvimento- O Processo Evolutivo da Criança. MEC/FAE, 1994.

FREUD, Sigmund. Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1856-1939.

↑
Estudos Sobre a Histeria. (1895)

Psicopatologia da Vida Quotidiana. (1904)

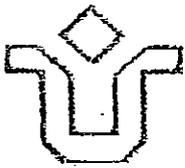
Totem e Tabu. (1912)

O Ego e o Id. (1923)

MANNONI, Maud. Educação Impossível. 2.ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1998.

MUSSEN, Paul. Desenvolvimento Psicológico da Criança. 10ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

KUPFER, Maria Cristina. Freud e a Educação: O Mestre do Impossível. 2.ed. São Paulo: Scipione, 1992.



UNIRIO- UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Este Questionário faz parte de uma pesquisa de campo, visando colher dados para subsidiar meu trabalho de Conclusão de Curso.

Agradeço a colaboração.

- Nível de Escolaridade: _____
- Curso: _____ ▪ Período: _____
- Instituição: _____
- Profissão: _____
- Idade: _____ ▪ Sexo: _____

◆ Escola e Bairro que cursou a pré-escola e o ensino fundamental :

◆ O que você entende por "Trauma" ?

◆ Durante seu período escolar, Você sofreu algum tipo de *Trauma* ?

-Não

-Sim Que série cursava ? Descreva o acontecimento.

◆ Esse fato de alguma forma refletiu em sua vida infantil ou adulta ?

◆ Hoje em dia, Você conseguiu superar este *Trauma* ou não ?
De que forma ?



UNIRIO

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS

ESCOLA DE EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA

DISCIPLINA : MONOGRAFIA II

ALUNO(A) : Ana Paula Araujo Costa

TÍTULO DO TRABALHO MONOGRÁFICO : Experiências Traumáticas no Ambiente Escolar

ORIENTADOR : Sandra Albernaz

FICHA DE AVALIAÇÃO FINAL

Primeiro avaliador :

Professor convidado: Maria Angéla Monteiro Coues

Nota : 9,0 (Nove)

Considerações:

O trabalho trata de um tema bastante relevante no cotidiano escolar. Tem bom conteúdo e apresentação.

Maria Angéla Monteiro Coues
Rio 03/03/2005

Segundo avaliador :

Professor orientador : Sandra Albernaz

Nota: 9,0 (nove)

Considerações:

Trabalho cuja temática agrega uma discussão quase "tabu" no conjunto do que se pensa e investiga hoje em Educação.

Ana Paula pode lapidar mais suas idéias e texto. No entanto, a autora ousou tocar numa questão que nem sempre agrada a comunidade.

André Medeiros

Terceiro avaliador :

Professor da disciplina Monografia II: Leigina Coimbra

Nota : 9,0

Considerações:

Bom trabalho, em relação ao uso das normas técnicas (ABNT)

~~_____~~
~~_____~~
~~_____~~
~~_____~~
~~_____~~
~~_____~~

RESULTADO FINAL

Avaliador 1	Avaliador 2	Avaliador 3	Pontos	Nota final
9,0	9,0	9,0	27,0	9,0

Rio de Janeiro, 15/03/2005

Leigina Coimbra

QUADRO RESUMO - ORIENTAÇÕES

Mês outubro

Dia	20			
Atividade	discussão sobre o tema esolido			
Professor	Alludin			
Aluno	Ana Paula Inauplota			

Mês novembro

Dia	03	17		
Atividade	elaboração bibliografia	discussão conceitual		
Professor	Alludin	All		
Aluno	Ana Paula Inauplota	Pr.		

Mês dezembro

Dia	8	15		
Atividade	elaboração questionário	avaliação questionário		
Professor	Alludin	Alludin		
Aluno	Pr.	Pr.		

Mês janeiro

Dia	12	17		
Atividade	análise e discussão sobre o texto produzido			
Professor	Alludin			
Aluno	Pr.			